

## OS MONUMENTOS HISTÓRICOS E A RECONFIGURAÇÃO DO ESPAÇO URBANO NO MUNDO PÓS-COLONIAL

HISTORICAL MONUMENTS AND THE RECONFIGURATION OF URBAN SPACE IN THE POST-COLONIAL WORLD

May Fran Selares Facundes<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente trabalho aborda sobre a reconfiguração do espaço urbano através dos monumentos históricos, na perspectiva do mundo pós colonial, a partir das forças ocidentalista que os “cristalizaram”, cujo objetivo é desconstruir um imaginário de dominação e poder, tendo como consequência grupos de militância social que, saquearam, pincharam, derrubam esses símbolos, pois, fazia jus a sujeitos que dominaram o mundo colonial, corroborando para a perpetuação do racismo, preconceito, totalitarismo, etc. Nesse sentido, metodologicamente, faremos uma abordagem teórica sobre a modernidade, através de uma abordagem quanti-qualitativa, através da inter-relação entre os monumentos e os resultados das propostas políticas elitistas, através da demarcação de fronteiras entre civilizados e bárbaros que, no mundo pós-colonial pois essas configurações de poderes ainda se inter cruzam na atualidade.

**Palavras-chave:** Pós-colonialismo; Monumentos históricos; Cidade e Modernidade.

**Abstract:** This work addresses the reconfiguration of urban space through historical monuments, from the perspective of the post-colonial world, based on the Western forces that “crystallized” them, whose objective is to deconstruct an imaginary of domination and power, resulting in militant groups society that looted, pinched, and overthrew these symbols, as it did justice to subjects who dominated the colonial world, contributing to the perpetuation of racism, prejudice, totalitarianism, etc. In this sense, methodologically, we will take a theoretical approach to modernity, through a quantitative-qualitative approach, through the interrelationship between monuments and the results of elitist political proposals, through the demarcation of borders between civilized and barbarians who, in the world postcolonial because these configurations of powers still intersect today.

**Keywords:** Post-colonialism; Historical Monuments; City and Modernity.

---

<sup>1</sup> Mestrando do programa de pós graduação em História e Conexões Atlânticas-Cultura e Poderes, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8839030848900965>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8114-0771>, E-mail: mayacademico@outlook.com/

## Introdução

O presente trabalho busca apresentar no primeiro momento, as rupturas, permanências, desafios e influências do mundo pós colonial, o que contribui de forma bastante significativa para pensar e historicizar a narrativa histórica. Nessa proposição, podemos nos interpela “Quando foi o pós-colonial? O que deveria ser incluído e excluído dos seus limites? Onde se encontra a fronteira invisível que separa o pós-colonial do colonialismo, neocolonialismo, Terceiro mundo, Imperialismo? (Hall, 2011, p. 95).

Diante desses questionamentos, percebemos que essas zonas de influências, é fruto do processo de hibridização cultural do mundo atlântico, pois, ampliou-se a para “a história do século XIX e XX, rompendo com as concepções ideológicas tradicionais que alude um aceleração temporal, preocupando-se somente com o presente e o futuro rompendo qualquer influência do passado.” (Hall, 2011, p. 96).

Desde o surgimento da História, não havia entre os gregos a intencionalidade e a preocupação pelo futuro, e sim, pelo tempo presente e pelo passado. Porém, procuravam dar sentido e valor ao universo, e a sua interconexão com o cosmo. Ou seja, os historiadores Heródoto, Tucídides, analisavam o momento em que estavam inseridos e entendiam o fazer histórico, pelas experiências. (Reis, 2006, p. 17).

É importante salientar que, dentro da construção historiográfica houve vários embates metodológicos que influenciaram o modo de interpretar a História e atribuir sentido aos acontecimentos históricos. Porém, esses fatores eram eminentemente ligados a corrente do historicismo, em que ocorreram vários embates sobre o surgimento e o uso da palavra História, no contexto Italiano, alemão, França. Essa corrente, contribuiu para entender os fenômenos como históricos e temporais. Porém, a forma de entender e pensar a História, no período do século XIX, foi alemã. Assim, entender o mundo pós-colonial é romper com a perspectiva etnocêntrica que se configurou e cristalizou aspecto dominantes desde a formação do mundo atlântico e suas pluralidades. (Reis, 2006, p. 216).

Nesse sentido, “o atlântico foi uma invenção europeia. Partindo desse pressuposto, o que se configura do mundo ocidental nessa teia de relações? Responder tal questionamento existem multiplicidades de sentidos, que, podemos levantar vários problemas, ou, ajudar os historiadores, entender “a história atlântica a primeira modernidade antes do início da industrialização, da democracia de massa, do Estado- Nação” (Armitage, 2014, p. 207).

Ao analisarmos sobre os monumentos históricos pela perspectiva pós-colonial, percebemos as diversas apropriações que os sujeitos fazem desses espaços de memória, rompendo com uma

cultura de dominação, tendo nos monumentos a categorização de sujeitos que oprimiram e ajudaram a justificar o preconceito étnico, moral e social que se configura até na atualidade.

A partir disso, podemos perceber que os monumentos não são representações simbólicas neutras e sem significados, mas sim, carrega para além da sua materialidade múltiplas interpretações através da apropriação e leitura dos indivíduos dependendo do público e a capacidade interpretativa em decifrar signos e os elementos da linguagem, onde Chartier (1991) esclarece que:

a apropriação, a nosso ver, visa uma história social dos usos e das interpretações, referidas a suas determinações fundamentais e inscritas nas práticas específicas que as produzem. Assim, voltar à atenção para as condições e os processos que, muito concretamente, sustentam as operações de produção do sentido (na relação de leitura, mas em tantos outros também) é reconhecer, contra a antiga história intelectual, que nem as inteligências nem as ideias são desencarnadas, e, contra os pensamentos do universal, que as categorias dadas como invariantes, sejam elas filosóficas ou fenomenológicas, devem ser construídas na descontinuidade das trajetórias históricas. (Chartier, 1991, p. 180).

O autor supracitado nos esclarece que, as operações que produzem sentido abarcam uma dimensão mais ampla, pois, deve ser levado em consideração os diferentes lugares públicos, apropriação e a realidade cultural dos indivíduos, desprendendo-se de modelos universalizantes operacionalizando os significados que são atribuídos diante do que denominamos de “capacidade crítica e hermenêutica a partir da releitura de mundo”. (Chartier, 1991, p. 180).

Em uma análise mais específica sobre monumento, utilizaremos o conceito segundo a carta de Veneza de 1964, quando nos diz:

o conceito de monumento histórico engloba, não só as criações arquitetônicas isoladamente, mas também os sítios, urbanos ou rurais, nos quais sejam patentes os testemunhos de uma civilização particular, de uma fase significativa da evolução ou do progresso, ou algum acontecimento histórico. Este conceito é aplicável, quer às grandes criações, quer às realizações mais modestas que tenham adquirido significado cultural com o passar do tempo. (Carta de Veneza, 1964).

No que diz respeito à cidade nesse limiar da modernidade Bresclani (1992, p. 11) em sua obra “*permanências e rupturas no estudo das cidades*”, apresenta a palavra cidade é repleta de ambiguidades fazendo parte de um processo de socialização dos indivíduos com o meio social em transformação, denominado as primeiras “aglomerações de moradias.” É importante analisarmos como esses espaços são pensados e reorganizados no que tange a infraestrutura, as disputas e demarcação local e os impactos em decorrência da modernidade.

Ao retratarmos a cidade e os efeitos da modernidade perceberemos como os sujeitos estão inseridos nesse processo para além da perspectiva do mundo global e econômico em dominação, onde versaremos os entraves e progressos associado à concretude pós- colonial.

**O reflexo da modernidade: ambiguidades, rupturas, permanências no mundo pós-colonial.**

Nesse primeiro momento buscaremos analisar a questão colonial referenciado pelo autor Homi Bhabha em sua obra: o local da cultura, analisando os estereótipos construídos, acerca do colonialismo, porém, a ideia é entender como esses reflexos se condicionam na atualidade. Nesse sentido, Reis (2006) nos mostra o interesse em construir e idealizar uma história pela perspectiva ocidental de maneira totalizante, construída a partir de sujeitos, da consciência, revoluções, quando nos diz que:

O homem ocidental sofre com a própria ausência e procura construir uma imagem global, reconhecível e aceitável de si mesmo, a cultura ocidental se interroga sobre a sua identidade, que generaliza como problema do homem ocidental. (Reis, 2006, p.15).

O fragmento propõe perceber que o anseio do homem ocidental, em tentar reconhecer-se como tal, as suas angústias, como “para onde vamos? para que viemos e qual o nosso destino?” são sucessivas estratégias de conquistas, dominação que irão se suceder dentro da dinâmica da sociedade ocidental. Como podemos esclarecer o expansionismo da cultura ocidental, muitas vezes, ancorada pela perspectiva eurocêntrica. De acordo com Leal (2019):

as discussões acerca das perspectivas pós-coloniais, principalmente as que advêm dos ex-impérios, convergem em dois aspectos, o primeiro na necessidade de diálogo com as epistemologias do sul para a construção do saber. Os estudos culturais estão se reorganizando em outros alicerces, que não as linearidades e dualismos dos clássicos, que funcionariam como elemento de perpetuação e supremacia de uma estrutura ideológica e histórica das sociedades. Essa antes citada estrutura que é afirmada nas relações de poder atuais, chamadas de relações pós-coloniais, possuem relação com as ciências sociais, humanas e com os estudos literários, não obstante dos seus destinadores (ocidente) serem entidades imaginárias, construções discursivas enquanto objeto e sujeito do discurso (Leal, 2019, p. 123).

No decorrer dessas mudanças, alguns discursos vão se intensificando, reformulando e apoiados em ideologias institucionais, que muitas das vezes, busca-se espaço em discursos já construídos, conforme Reis (2006) nos esclarece:

As preocupações e as vantagens deste mundo levaram a Europa Ocidental a rearticular seu discurso religioso. A herança romana, que favorecera a expansão de Roma, devia passar por ajustes para continuar apoiando a Europa Ocidental em sua expansão, agora para todo o mundo. (Reis, 2006, p. 22).

Como podemos perceber os indivíduos são inseridos dentro do tempo e espaço que se transforma constantemente, com isso, a “cada indivíduo vive em certo universo histórico de valor. Cada sociedade cria seu conjunto de valores, que mantém coesa.” (Reis, 2006, p. 210).

Para analisarmos os efeitos da cultura ocidental, Homi Bhabha (2001) vem corroborar, quando nos propõe que:

O que está em jogo quando se chama a teoria crítica de "ocidental"? Essa e, obviamente, uma designação, ao de poder institucional e eurocentrismo ideológico. A teoria crítica frequentemente trata de textos no interior de tradições e condições conhecidas de antropologia colonial, seja para universalizar seu sentido dentro de seu próprio discurso acadêmico e cultural, seja para aguçar sua crítica interna do signo logocêntrico ocidental, do sujeito idealista ou mesmo das ilusões e delusões da sociedade civil (Homi Bhabha, 2001, p. 59).

Nesse contexto, percebemos que o autor alude sobre a cultura ocidental, de forma crítica, pois percebe que dentro do próprio discurso acadêmico como produção e interpretação cultural, deve quebrar esses paradigmas institucionalizados.

Segundo (Bhabha, 2001, *apud* Neves, 2009, p. 236), esclarecendo que os novos “lugares” da cultura já não são as academias e os centros dos poderes institucionais, mas os interstícios em que penetram culturas marginais e híbridas. E é nestes novos lugares que são elaborados a atual reflexão política, filosófica e estética.”.

Porém, o próprio modelo cultural associado à marginalização é carregado de influências de dominação, pois quando Homi Bhabha analisa a colonização pelo processo de colonizador e colonizado, carregado de ambivalência, pois o ideal não é a negação da estrutura e sim redimensionar novos horizontes.

Uma vez esclarecido os embates ideológicos, culturais que foram construídos no mundo colonial, temos que desconstruir sobre o que o Estado na experiência colonial sancionou em uma política de extermínio da conquista do território, corpo e mente.

Nessas nuances interpretativas, na tentativa de reestruturar e desnaturalizar aspectos de dominação e concepções forjadas criadas pelo europeu, nessa relação diacrônica entre o presente e o passado, aceleração do tempo. Hall, (2011, p. 95), nos ajuda a pensar “por que o pós-colonial é também um tempo de diferença? Que tipo de diferença é essa e quais as suas implicações para a política e para a formação dos sujeitos na modernidade tardia?” (Hall, 2011, p. 95).

Observando tal pensamento, começa-se construir a ideia de modernidade, dentro do cenário da Europa ocidental, buscando a rearticulação, formação de consciência, revolução, dentro da perspectiva Eurocêntrica. Onde para melhor entendermos o significado da modernidade, segundo Reis (2006):

A “modernidade” significou uma revolução cultural, ocorrida apenas no ocidente, que acompanhou e tornou possível a expansão europeia pelo mundo e, internamente, a constituição de uma nova ordem política (Estado burocrático), uma nova ordem

econômica (ética do trabalho e empresa capitalista) e uma nova ordem social (não-fraternidade religiosa (Reis, 2006, p. 22)).

Ao elucidar essa perspectiva sobre essas discussões na modernidade, Reis (2006, p.31), nos caracteriza que a modernidade se quis uma libertação de cada referência do passado”, ou seja, rompe com o passado, visando o olhar para o novo, futuro, ancorados nos valores da subjetividade, e dando espaço para a razão.

Koselleck (2014, p. 209-210) salienta que o conhecimento histórico deve ser sempre repensado e questionado e que “as narrativas precisam se reformuladas e não necessariamente novas em si”, nessa perspectiva, podemos fazer o seguinte questionamento, como voltar à narrativa, em que a própria modernidade, anseia o novo e rompe com o passado? Talvez, seja um grande desafio do historiador, haja vista, que voltar analisar os aspectos do passado, não significa ficar estagnado no mesmo.

Porém, nessa perspectiva em associar o tempo com a ideia de modernidade, ao analisarmos a experiência pela repetitividade, singularidade e “esse novo tempo”, tendo como desafio pensar o novo, inovação e progresso, pela perspectiva de aceleração, destacado as descobertas físicas, desafios ecológicos, as revoluções”, configuram a base para modernização O historiador, dentro dessas constantes mudanças, deve perceber as influências do passado nos estratos da história, Koselleck (2014):

Nós historiadores, precisamos aprender a identificar os diversos estratos, a diferença entre estratos que podem mudar rapidamente, estratos que só se transformam lentamente e estratos mais duradouros, que contém a possibilidade de repetibilidade. Então, poderemos também redefinir as época temporais que fazem jus à modernidade, mas sem a necessidade de excluir as outras épocas da nossa história comum como algo diferente. Se quisermos saber quão nova é a nossa modernidade, precisamos saber quantos estratos da história antiga estão contidos no presente. (Koselleck, 2014, p. 221).

A despeito sobre o fragmento acima, o autor alude sobre a importância que a história e o historiador tem em relação às metodologias e as técnicas de pesquisa. Assim, dar ênfase a questão da reflexão histórica, por meio da análise da modernidade, pelo seu valor semântico, ideológico e comportamental.

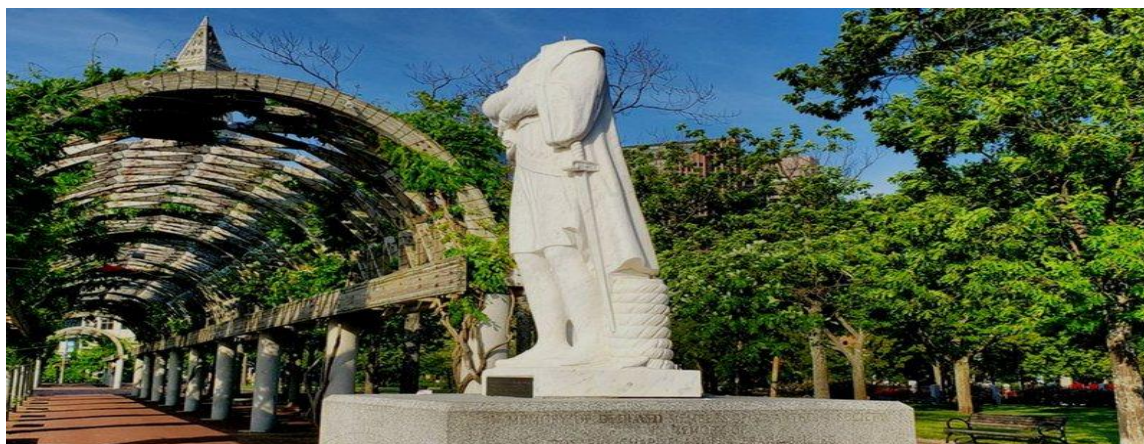
### **Quebra de paradigmas: o sentido monumentos históricos no mundo pós-colonial.**

Atualmente, os monumentos históricos são alvo de protestos em alguns países como Estados Unidos, Reino Unido e também aqui no Brasil. De acordo com o noticiário Aventuras na história,

publicada na UOL, escrito por André Nogueira em 11/06/2020<sup>2</sup>, faz referência a manifestações que buscam desnaturalizar e combater o colonialismo eurocêntrico, ainda reforçados pelos monumentos erguidos por fazerem alusão aos heróis nacionais

A partir dessas manifestações, o monumento que faz referência a Cristóvão Colombo foi alvo de protestos, conforme observamos abaixo:

Figura 1- Estátua decapitada.



Fonte:

Divulgação Twitter. Disponível em: < <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/historia-hoje/estatuas-de-cristovao-colombo-sao-destruidas-em-protestos-antirracistas-nos-eua.phtml>. Acesso em 15/06/2020.

A partir da ilustração acima Nogueira, (2020) nos esclarece que:

[...], durante as manifestações que tomaram os EUA nas últimas semanas, Boston e Richmond fizeram como tantas outras cidades no mundo e atacaram monumentos a figuras polêmicas ligadas ao escravismo: dessa vez o alvo foi Cristóvão Colombo. Na primeira cidade, uma estátua do explorador foi decapitada e, na segunda, foi arrancada e lançada num lago, durante protestos antirracistas. Colombo foi alvo dos protestos por conta de sua relação direta com a defesa da escravidão no século XVI e por sua responsabilidade pelo início do genocídio indígena na América, da qual ele ganhou a alcunha de “descobridor”. Muitos dos envolvidos com a ação em Richmond eram de origem indígena.

Nessa projeção, o processo de colonização das Américas, a historiografia tradicional evidencia a figura do colonizador pondo em detrimento os sujeitos, pois buscou-se “substituir a comemoração do dia de Colombo, celebrado em outubro em homenagem à chegada do explorador na América, por um tributo aos povos autóctones estadunidenses”. É importante lembrarmos que a figura do colonizador aqui assumi uma postura de genocídio, (UOL 2020).

Com isso, a história do atlântico é o ponto inicial para esses desdobramentos, carregados de complexidades, dos desafios e contrariedades que buscam ter novas configuração na acirrada e disputada corrida europeia colonial, que cronologicamente “inicia-se com primeira travessia de

<sup>2</sup> <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/canal/ultimas-noticias?page=1942>.

colombo em 1492 e termina convencionalmente, com a era das revoluções no final do século XVIII e início do século XIX.”

De acordo com o jornal folha de são Paulo em 12/06/2020, titulada “*Ataques a monumentos enunciam desavenças pelo direito à memória*”, assume duas posturas, a primeira de monumentos que reforçam a hegemonia do colonialismo, como também os movimentos sociais pressionam aos governadores locais para despolitizar tais representações.

Referenciado pelo Jornal Folha de São Paulo, essas manifestações não são vistas como vandalismo e sim, como movimentos ativistas que lutavam contra ao preconceito étnico, racismo ou regimes opressores. Pois, o Jornal folha de São Paulo nos sinaliza:

a noção de contra monumento, conceito fartamente usado desde os anos 1990, e que tem suas origens nas estéticas da memória relacionada ao Holocausto. Cobrindo hoje um arco diversificado de temas, diz respeito tanto a estratégias contrárias aos princípios tradicionais de monumento, quanto a projetos criados para combater um monumento existente e o que ele representa. A multiplicação de conceitos e práticas acompanha a proliferação de confrontos com a história oficial encarnada em monumentos que enunciam, entre dedos em riste, espadas, cavalos e homens brancos fardados, a presença das forças sociais que os ergueram. Essas ações ativistas não incidem só contra os monumentos, mas também contra edifícios, nomes de ruas e datas históricas. (Jornal folha de São Paulo, 2020).

Desse modo, Miranda (2008, p. 12), esclarece o conceito de monumento que, vai além da epistemologia da palavra, onde deve ser analisado o contexto histórico em que ocorreu a sua perpetuação e valorização, ou, desvalorização. Tendo em vista que, os monumentos são representações imagéticas que dialogam com o social, onde foi possível perceber a atuação direta dos que protestavam diante de uma representatividade que concretiza e rememora um passado de opressão e dominação do colonizador.

Diante disso, essa perpetuação não se isola somente nessa perspectiva (dominador/dominados), pois, o discurso que é fomentado assumi um novo vigor. Um dos artifícios utilizados é a questão da representatividade simbólica, seja por meio de imagem, cartum ou monumento, retratando-se, no entanto, o contexto histórico materializado pela simbologia, apresentando-se também até que momento os monumentos assumem a funcionalidade estética da arte e interpretação diversas, conforme nos diz Le Goff (1990).

A definição da palavra monumento e seus respectivos significados tomam conceituações diversas, refere-se tanto a documentos quanto a construção simbólica arquitetônica, repercutindo a recordação ao passado. No entanto, os monumentos assumem uma consistência de conservação, na perspectiva de demarcação e necessidade em fixar o seu espaço, opondo-se à ideia de esquecimento, porém partindo do interesse e necessidade em querer conservar no imaginário coletivo. (Le Goff, 1990, p. 526)



É relevante associar os monumentos que são erigidos aos espaços de demarcação, contribuindo com a padronização local. (Argan, 1993, p. 75 *apud* Sá, 2007, p. 4), nos diz que, a cidade passa por momentos de transformação, assumindo novos valores refletindo na contemplação e percepção de sentido que se configura nas diversas circunstâncias do mundo. Nesse contexto, (Bachelard, 1993, p. 103-116 *apud* Sá, 2007, p. 4), intensifica sobre o monumento e suas relações com o espaço, o observador e a sociedade no geral.

Monumento captado como símbolo e reinterpretado em sua dimensão simbólica e ideal, mas também em sua concretude e fundamental e relação espacial com o espaço que o envolve e estabelecendo interconexões com o local, a cidade, o observador e a população que vive e recebe este lugar como um “ninho, como um local de acolhimento, de introspecção. (Bachelard, 1993, p. 103-116 *apud* Sá, 2007, p. 4).

O autor acima serve como referência na construção da pesquisa, pois os monumentos possui dimensão simbólica em sua concretude, onde buscamos analisar a apreensão dos moradores próximos a sua permanência local.

Nesse sentido, de acordo com o jornal folha de São Paulo (2020) vem elucidar os monumentos e seus impactos com a memória juntamente com os espaços urbanos, onde a maioria das vezes são consagrados pela representação por esses monumentos:

É essa rede imaginária que faz dos monumentos uma espécie de arquivo distribuído da narrativa histórica do establishment, consagrando no espaço urbano aquilo que foi considerado memorável e promovendo uma determinada imagem pública da cidade. Discutir os seus significados, contestar e expandir suas ideias é, portanto, reivindicar o direito à memória no espaço público e disputar o direito de ocupar o território. (Jornal Folha de São Paulo, 2020).

Outra obra importante intitulada “*o legado da memória: os monumentos hoje e sempre*” nos diz que “os monumentos, são testemunhos da sua própria história de que conservam os registros” (Didaskalia, 1999, p. 659).

Nessa perspectiva o monumento de Cristóvão Colombo assume valor intrínsecos que evoca um passado, que ao mesmo tempo torna-se tão próximo e que o historiador tem o ofício de transcrever o que talvez ficou silenciado e esvaziado de sentido para além do viés etnocêntrico, construindo uma narrativa pós colonial tendo em vista um “pluralismo metodológico e ampliar os horizontes” (Armitage, 2014, p. 215).

Nesse sentido, até agora percebemos que a memória está associada aos monumentos, tendo em vista que os sujeitos constantemente são influenciados por essas construções que são forças motrizes dominantes. Nesse processo pós-colonial é necessário operar nesses sujeitos multiplicidades de sentidos principalmente no que tange a memória e os espaços públicos.

De acordo com o Jornal Folha de São Paulo (2020) nos diz “Afiml, reconhecer e interrograr a memória da barbárie é crucial para confrontar a continuidade das suas práticas e das políticas de esquecimento.”

Segundo Sá (2007), em sua obra “A cidade, os monumentos públicos e suas relações com o social”, retrata sobre os monumentos através de uma análise formal e comparativa e das formas de apropriação que o social constrói dentro dos espaços que são demarcados através dos monumentos. Esse trabalho nos ajuda a entender sua significação para o social a partir das várias mudanças no cotidiano das cidades.

### **Os impactos do mundo pós-colonial na reconfiguração do espaço urbano**

Quando falamos sobre cidades e associamos ao mundo pós-colonial, percebemos que toda estrutura urbana e os elementos paisagísticos, são medidas implementadas que visa moldar os espaços vinculados às propostas de patrimonialização, como nos salienta Nascimento (2005):

A partir do desenvolvimento descontrolado das cidades, áreas que compunham um espaço único são invadidas. Levando-se em conta a relação intrínseca entre obra e lugar, muitas características são extraviadas, em razão destes espaços se tornarem reduzidos ou inexistentes após qualquer interferência no entorno. (Nascimento, 2005, p. 1).

O fragmento esclarece que, a invasão desses espaços se inserem nas relações de forças presentes, não podendo ser caracterizado como vandalismo e sim como quebra de paradigmas de espaços de dominação, impulsionado pela estratégia de progresso do mundo pós-colonial.

Podemos perceber o mundo pós-colonial dando ênfase aos sujeitos que sofreram influência aos paradigmas da globalização, rompendo as relações estruturantes que marcaram a corrida imperialista política e econômica, pois “o terreno do pós modernismo é, por conseguinte, fértil para as teorias pós coloniais, que se referem essencialmente ao desconstrutivismo” ampliando suas análises para a ideia de subdesenvolvimento e subordinação da dominação. (Neves, 2009, p. 235)

Outros entraves que procuramos despolitizar e entender são as esferas de dominação dos espaços, de acordo com Grosfoguel (2008):

O pensamento crítico de fronteira é a resposta epistêmica do subalterno ao projecto eurocêntrico da modernidade. Ao invés de rejeitarem a modernidade para se recolherem num absolutismo fundamentalista, as epistemologias de fronteira subsumem/redefinem a retórica emancipatória da modernidade a partir das cosmologias e epistemologias do subalterno, localizadas no lado oprimido e explorado da diferença colonial, rumo a uma luta de libertação descolonial em prol de um mundo capaz de superar a modernidade eurocentrada. Aquilo que o pensamento de fronteira produz é uma redefinição/subsunção da cidadania e da democracia, dos direitos humanos, da humanidade e das relações econômicas para

lá das definições impostas pela modernidade europeia. O pensamento de fronteira não é um fundamentalismo antimoderno. (Grosfoguel, 2008, p. 138).

O fragmento nos propõe problematizar “a modernidade eurocentrada”, pois podemos pensar, o que entendemos atualmente sobre a modernidade é uma projeção somente da Europa? Quais reflexos são visíveis para além das estruturas e concepções globais? Para tais questionamentos é necessário encontrar alternativas que substituam satisfatoriamente o Estado-Nação como eixo de análise (Sochaczewski, 2017).

Em contra partida, (Hall, 2011, p. 103), nos diz que o mundo pós colonial surge de maneira autônoma independente das influências da hegemonia colonial, mas sim por novas mudanças e necessidades que são “dominadas pelo crescimento do capital o mundo desenvolvido capitalista, bem como pela política que advêm da emergência de poderosas elites locais que administramos efeitos contraditórios do subdesenvolvimento”.

Quando falamos em subdesenvolvimento ampliamos a nossa linha interpretativa para as relações internas e externas dos sujeitos que não são indiferentes a essas mudanças que são apreendidas no cotidiano e sociabilidade em torno da cidade.

Essas mudanças de arborização são implementadas por políticas públicas e possuem duas perspectivas: Salvar os espaços pelo viés de conservação local e demarcar esses locais caracterizados por nomes e personagens exaltados historicamente.

A cidade se dá ao mesmo tempo a ver e a ler. O tempo narrado e o espaço habitado estão nela mais estreitamente associados do que no edifício isolado. A cidade também suscita paixões mais complexas que a casa, na medida em que oferece um espaço de deslocamento, de aproximação e de distanciamento. É possível ali sentir-se extraviado, errante, perdido, enquanto que seus espaços públicos, suas praças, justamente denominadas, convidam às comemorações e às reuniões ritualizadas. (Ricouer, 2007, p. 159).

A cidade dentro da dinâmica e complexidade nos direciona para as conexões ou socialização dos indivíduos com as comemorações e práticas como também os impactos e transformações que ocorrem de acordo com o mundo globalizado que diretamente muda as estruturas não alcançando os locais periféricos.

O fenômeno de urbanização observado em grande parte dos países subdesenvolvidos em muito se deve à matriz de industrialização tardia da periferia. A atratividade exercida pelos polos industriais sobre a massa de mão-de-obra expulsa do campo (em especial nos países que receberam empresas multinacionais que alavancaram a passagem de economias agroexportadoras para economias “semi-industrializadas”, como o Brasil ou a Índia) provocou, a partir da década de 60, a explosão de grandes polos urbanos no Terceiro Mundo, que não receberam a provisão de habitações, infraestrutura e equipamentos urbanos que garantisse qualidade de vida a essa população recém-chegada. (Ferreira, 2000, p. 12-13).

Percebemos que os avanços tecnológicos traz consigo ambiguidades, pois, não alcança a todos da população, ou não dão condições para que os sujeitos sejam alcançados, sendo caracterizado como “modernização tardia da periferia”, e justamente por essas estratégias de sobrevivência que deve-se criar planejamentos urbanos e executar em combate à pobreza, desigualdade social e economia, além do paradigma de dominação capitalista.

Nesse processo de desenvolvimento e urbanização Harvey (1993, p. 18), nos diz que “ocorreram várias mudanças na vida urbana a partir de 1970, mas determinar se essas mudanças merecem ser consideradas como pós-modernidade, depende da atribuição e sentidos que os sujeitos delegam a esse período”, ou seja, perceber e conscientizar-se por essas transformações temporal que reflete no espaço social.

### Considerações finais

Sabemos que o historiador em seu ofício deve ter métodos para articular o seu objeto de pesquisa em amplas perspectivas, sendo assim, o artigo buscou entender os reflexos do mundo pós colonial não como uma ruptura temporal, mas “descortinar” as influências etnocêntricas nas esferas de dominação ainda presente na sociedade.

Com o objetivo de entender como se configurou o mundo pós-colonial através da interconexão e rupturas e permanências problematizamos o conceito do mundo colonial atrelado à modernidade, ampliamos a nossa análise através do monumento histórico de Cristóvão Colombo, em sua representatividade simbólica, sendo alvo de protestos ativistas, pois fazia alusão a formação colonial de dominação, pondo em detrimento os sujeitos colonizados.

Ao abordarmos os reflexos do processo da colonização na perspectiva pós-colonial demos ênfase ao estudo das cidades e sua relação com os indivíduos, frente aos efeitos da urbanização, onde buscamos entender de maneira crítica o paradigma da globalização, uma vez que, as esferas de poder econômico e político não desenvolvem medidas aos sujeitos que participam desse processo, ou, se aparecem, são subordinados a estrutura de poder dominante, aumentando a desigualdade social e o subdesenvolvimento dos que ocupam esses espaços denominados periféricos.

### Referências

ARMITAGE, David. **Três conceitos de história atlântica.** (Three concepts of Atlantic History). In: História Unisinos. 18(2):206-217, Maio/Agosto 2014.

BRESCLANI, Maria Stella. **Permanências e Rupturas no estudo das cidades.** (Cidades e História). Salvador: UFBA/ Faculdade de Arquitetura.1992.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Trad. De Maria Manuella Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

BHABHA, Homi. O compromisso com a teoria. In: \_\_\_\_\_. **O local da cultura**. EdUFMG: Belo Horizonte, 2001.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Unesp, 2001, p.11.

FERREIRA; João Sette Whitaker. **Globalização e urbanização subdesenvolvida**. São Paulo em perspectiva, 14(4), 2000.

GROSGUÉL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Revista Crítica de Ciências Sociais 80 Epistemologias** do Sul.2008.

GOFF, Jacques Le. **História e memória**. São Paulo: UNICAMP, 1990.

HARVEY, David. A condição pós moderna. Introdução e Modernidade e Modernismo.Ed.Loyola,1993.

HALL, Stuart. Da Diáspora. **Identidades e Mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

HARVEY, David. **A condição pós moderna**. Introdução e Modernidade e Modernismo. Ed. Loyola, 1993.

IPHAN. Instituto Do Patrimônio Histórico E Artístico Nacional. **Carta de Veneza**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf>>Acesso em 01 out.2015

JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO. [https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/historia-  
hoje/estatuas-de-cristovao-colombo-sao-destruidas-em-protestos-antirracistas-nos-eua.phtml](https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/historia-hoje/estatuas-de-cristovao-colombo-sao-destruidas-em-protestos-antirracistas-nos-eua.phtml). André Nogueira. ESTÁTUAS DE CRISTÓVÃO COLOMBO SÃO DESTRUÍDAS EM PROTESTOS ANTIRRACISTAS NOS EUA.11/06/2020.

JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO.[HTTPS://WWW1.FOLHA.UOL.COMBR/ILUSTRADA.ATAQUES-A-MONUMENTOSENUNCIAM-DESAVENCAS-PELO-DIREITO-A-MEMORIA.SHTM](https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/ataques-a-monumentosenunciam-desavencas-pe-lo-direito-a-memoria.shtm)2020.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**. Estudos sobre história. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

\_\_\_\_\_.Dilthey e o historicismo, a redescoberta da história.- 3.ed. Ed. FGV, Rio de Janeiro, 2006

LEAL; Marco Aurélio de Oliveira.O “PÓS-COLONIAL” COMO CATEGORIA DE ANÁLISE SOCIOLÓGICA DAS LITERATURAS PALOPIANAS: possibilidades e limites. Araraquara, v. 8, n. 1, p. 115-130, jan./jun. 2019

MIRANDA, Letícia Azevedo. **O ressoar das pedras**: um olhar sobre os monumentos e suas significações sociais na cidade de São Luís. São Luís, 2008.55f. Monografia (Curso de História), Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2008.

NEVES, Rita Ciotta .**OS ESTUDOS PÓS-COLONIAIS**: um Paradigma de Globalização Babilônia n.º6/7 pp. 231 – 239. 2009

NASCIMENTO, Miria Donadia . **O MONUMENTO HISTÓRICO E O SÍTIO:** preservação da paisagem e fisionomia dos arredores. ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Londrina, 2005.

REIS, José Carlos. **HISTÓRIA E TEORIA;** Historicismo, Modernidade, Temporalidade e Verdade. 1.História da história: Civilização Ocidental. -3.ed. Ed. FGV, Rio de Janeiro, 2006.

RICOUER, Paul. O Esquecimento. In:\_\_\_\_\_. **A memória, a história o esquecimento.** Campinas,SP: Editora da UNICAMP. 2007.

SÁ, Salma Dias Almeida. A cidade, os monumentos públicos e suas relações com o social. III ENECULT – **ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA.** Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Bahia-Brasil. Realizado entre os dias 23 a 25 de maio de 2007.

SOCHACZEWSKI, Júnior. Monique; SANTOS, João Júlio Gomes dos. **HISTÓRIA GLOBAL:** Um empreendimento intelectual em curso. Revista Tempo | Vol. 23 n. 3 | Set./Dez. Fortaleza 2017.